

## **Narrativa sonora: por uma política das forças**

**Eixo Temático:** Formação do AT – Os diversos dispositivos de formação do AT

**Autor:** Julia Paim Más  
Brasil

### **RESUMO**

O encontro do ouvido com o som, de uma força com outra. Forças se encontram, pessoas se esbarram. Territórios se compõem e se decompõem. Enquanto isso, na rua passam sirenes, máquinas. Na Casa, painéis, gritos e grunidos. Diagramas de forças sobrepostos, registros sensíveis: paisagens sonoras, recortes de mundos. Essas paisagens – pensando com Deleuze e Guattari – ocupam um território subjetivo que modula uma dinâmica de forças sonoras. Na Casa, diversos territórios se atravessam, entram em embate produzindo a todo instante o desmanche e a formação de novos territórios.

A proposta do presente trabalho é expor uma narrativa da formação de um corpo que habita esse território. Dentro dessa dinâmica, observo, sinto e suponho um esquema de forças dentro do qual o som é o agente: conjuga, articula.

Nesse sentido, muitas questões são disparadas ao corpo. Como se organizam os sons nesses territórios? O que isso produz na nossa escuta, enquanto psicólogos, AT's? Como compor com essa dinâmica no cotidiano do trabalho? Para criar um certo sentido, – agora penso com Suely Rolnik – proponho a criação de um corpo sensível, que ocupa e compõe com essas paisagens sonoras.

**Palavras-chave:** paisagem sonora, território, corpo sensível

**Link:** [https://www.youtube.com/watch?v=Uv3HP\\_YKOW&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=Uv3HP_YKOW&feature=youtu.be)

## **Narrativa sonora: por uma política das forças**

O texto foi produzido a partir da experiência de 1 ano num dispositivo que chamo Casa. A Casa é um dispositivo que seria mais próximo de uma residência terapêutica, apesar de não se encaixar em nenhum modelo que conheço desse tipo. Nesta casa moram, atualmente, 8 loucos e trabalham 11 terapeutas – psicólogos – inclusive eu. Convivemos, enquanto equipe, 24h na Casa. Juntos fazemos os afazeres cotidianos: tomar banho, lavar louça, varrer a casa. E também inventamos outros: pintamos, vamos tomar sorvete, vamos à praia.

Voltando ao contexto da escrita, no cenário macropolítico muitas universidades estavam sendo ocupadas, bem como escolas e outras instituições por todo o Brasil. Participei da ocupação da minha universidade (UFF) e estava participando intensamente dos processos de convivência também dentro da universidade que durou 3 meses. Assim ocupava 3 lugares que pelas experiências que me proporcionam, modulam então meu olhar e minha formação clínica. Ao circular pela cidade, me atravessam muitas cenas, ruídos, perceptos, afectos que não tinha notado antes. Este texto fala um pouco disso.

\*\*\*

Um estudante senta a mesa. Escuta. Um professor fala, fala. Uma universidade está vazia, é feriado. Ocupa-se a universidade. Trocam-se os lugares. Professor escuta. Aluno afirma, desterritorializa-se. Territórios são construídos, a instituição se refazendo. O louco cuida do terapeuta. Terapia em crise, louco em crise. Saúde e educação andam mal... Brasil em crise. A crise abre um caminho de possível.

André vive numa casa, uma estranha casa onde habitam, hoje, 7 loucos, incluindo André. Estes loucos vivem ali, aqui mesmo, em Niterói. Tomam banho, inventam afazeres, brigam, comem, tomam remédios. Cotidianamente. Os terapeutas, por sua vez, acompanham esses processos, que se repetem diariamente, não sem novidade. Entrei de para-quedas neste lugar estranho, ávida por encontrar algo que diferenciase os meus dias na faculdade. Sentar. Ouvir. Talvez falar um pouco. Fazer provas. Seminários. Levantar, ir até minha casa. Tomar banho, comer, inventar afazeres. Um eterno retorno

aos grandes blocos de concreto da UFF. Éramos conterrâneos, mas não nos conhecíamos. De alguma maneira, a rede de saúde mental e a universidade não tinham formado tanta rede assim.

Entretanto, uma rede se tece, um caminho se abre para mim e outros colegas. Uma oportunidade de estágio surge. Tudo o que eu queria! Vou até Pendotiba, chego atrasadíssima. Entro na casa, me choco. Pessoas gritam, andam de um lado pro outro, outras quietas, desconfiadas: a casa é simpática, gentil. Decido que sim, vou voltar. E escolho voltar repetidas vezes, até que se torna concreto voltar, tão concreto quanto aqueles blocos do parágrafo anterior. A casa se torna parte de meu mundo, parte de minha rede de afetos. O caminho que se abre, ele é território. Decido construir territórios, relações, junto a essas pessoas. Repetem-se novidades.

A disposição afetiva vai se tornando também efetiva, um olhar clínico vai se construindo... início terapia: os loucos dão trabalho aos neuróticos, ouvi. Supervisões e mais supervisões fazem parte de minha rotina. Pensar clínica também; esta que se faz entre territórios, entre caminhos percorridos, entre paisagens, na cidade. Juntos caminhamos, fazemos a barba, cortamos cabelo, jogamos cartas. Caminhamos entre um afazer e outro, entre uma esquina e outra. Os caminhos são repetidos muitas vezes.

Casa, território, corpo, afeto, percepção. Nesse caldo são múltiplas as percepções, os corpos. O encontro do ouvido com o som. O encontro de uma força com outra. O som e o silêncio. As forças de fora invadem as de dentro. Um território transforma-se noutro. A casa oscilando entre muitos – os sons de todo lado. André faz muitos, outro imita ônibus freando, aquele fala tão rápido que as palavras que quer dizer talvez não seja o que queira dizer, este já não mais quer falar, o galo reclama de madrugada, as cadeiras se arrastam.

O barulho da cadeira se arrastando só é perceptível quando algo se cala. O silêncio acontece para que o som irrompa. O caminho do banheiro até a sala já não é o mesmo. Interrompidos pelo silêncio entre um som e outro, ouvimos. Na verdade estávamos todos ouvindo, aquilo se passa com a cadeira, ela quase sempre é arrastada. Os sacos de lixo, o plástico faz barulho... a correria do almoço se apresenta no bater das panelas! Algo se produz: instiga. Coloco meu celular para gravar. Deixo em cima da mesa da sala. Coloco para gravar de novo, outros dias, em outros horários. Funciono como a

pessoa que dá o play; o celular, como antena, captando sons que o ouvido não se atenta. Quero apreender a composição daquela orquestra doida, e continuo gravando.

A captação desses sons me fez atenta a eles. A cada dia que voltava à Casa, os sons eram muito diferentes. Às vezes muito agitado, como um rock, outros mais suave, como bossa nova. Mas nunca rock, nunca bossa nova. Essa orquestra não compunha com notas, refrões, ou qualquer sentido pré-determinado por um músico. Me pergunto: não sendo música – pelo menos a tradicional, marcada – o que será? Estranhamente, essa força, o som, compõe, entrelaça, conjuga, articula... o som é agente! Agente desses encontros, sendo um deles, o encontro com o ouvido. Máquinas que se acoplam que ao fazê-lo, já são outra coisa (Deleuze e Guattari, 2011, p. 55)

Mexendo no celular, passo a ouvir esses áudios. Me deixo tomar por eles, reconheço algumas gravações, em algumas podia escutar minha voz. Nas outras, a audição foi um tanto mais além do que eu esperava: pude *sentir* muitas forças da Casa através daqueles sons. Se antes eu tinha *percebido* algo que me fez gravar, agora *sentia* através das gravações modos de circular, de estar, que me vinham ao ouvi-las. A pessoa que percebe, é também a que escreve um texto, mas não a única. Algo se produz nesse território sonoro.

A percepção e a sensação não são maneiras separadas e excludentes de enxergar um acontecimento. Lendo o texto da Suely Rolnik (2003) ela explicita essas duas maneiras de apreensão do mundo, que ativam dimensões sensíveis de nossa subjetividade. Como forma, que seria olhar para a experiência convocando a percepção, os órgãos vitais. Dessa maneira, procuramos explicar os fenômenos, ou seja, olhar para eles da maneira que se apresentam, descolados dos embates de força e calcados na *representação*, tentando explicá-los. 'O que esse som significa?' seria uma pergunta feita para esse tipo de olhar. Podemos apreender o mundo também como força, o que convoca a sensação, na qual trazemos a presença viva do outro ou do acontecimento, como ele se *apresenta*, e como isso nos afeta. 'Que sensações esse som evoca em mim?' seria uma pergunta que o exercício do corpo sensível, nas palavras de Suely, convocaria.

De qualquer maneira, não vemos forças por aí. Vemos forma. As formas, por sua vez, são compostas de forças, sempre em embate. Essas forças, quando mudam de intensidade, transformam a forma em outra coisa. O primado da força sobre a forma é o

modo como olhamos para as formas; o exercício do corpo sensível está relacionado diretamente com a ocupação do nosso corpo por essas forças. No sentido que escrevo, pelas forças sonoras que habitam e se articulam com um território. O ouvido, portanto, não é só o ouvido: a audição é ouvir com o corpo, se deixar levar pelos tilintar de talheres, pelos carros passando muito rápido, pelas cores e sabores do que está em volta, deixando-se afetar. Isso já nos transforma em outra coisa. Talvez uma coisa mais capaz de ocupar outros territórios...

Nas palavras de Manoel de Barros,

(...)- Imagens são palavras que nos faltaram.

- Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.

- Poesia é a ocupação da imagem pelo Ser.

Ai frases de pensar

Pensar é uma pedreira. Estou sendo.

Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).

Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos.

Outras de palavras.

(de Barros, 2015, p. 72)

Entre muitas conversas, terapias, supervisões, minha imagem sobre a Casa foi sendo ocupada pelos sons, não tanto pelas palavras. Para Manoel a imagem torna visível algo que a palavra não alcança, não exprime, e a poesia é esse exercício constante de ocupar as imagens de sentido, para que se possa compreender, compartilhar as sensações... os sons são também a ocupação de uma paisagem (sonora) por forças que transbordam os limites da palavra, como argumentam Deleuze e Guattari: Ora, os componentes vocais, sonoros, são muito importantes: “um muro do som, em todo caso um muro do qual alguns tijolos são sonoros. Uma criança cantarola para arregimentar em si as forças do trabalho escolar a ser feito. Uma dona de casa cantarola, ou liga o rádio, ao mesmo tempo que erige as forças anti-caos de seus afazeres. Os aparelhos de rádio ou de tevê são como um muro sonoro para cada lar, e marcam territórios (o vizinho protesta quando está muito alto)” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 101).

Essa paisagem, compondo um esquema de forças sonoras – segundo Deleuze e Guattari, componentes sonoros – ocupa um território. A modulação de uma certa dinâmica de forças, portanto, atua na transformação desse território. Minimamente delimitado, modulado, mutante. Se “o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'” (Guattari e Rolnik, 2000, p. 388), a Casa é constituída por sistemas sobrepostos, territórios nos quais diagramas de força estão sempre em embate, modulando um certo “em casa”. O muro sonoro que constitui um lar, uma *paisagem sonora*, o diferencia dos outros. E não só. O som é agente de território, de 'em casa', na medida em que é expressão. “É a emergência de matérias de expressão (qualidades) que vai definir o território” (Deleuze e Guattari, 1997, p.105). Essas qualidades são as forças que constroem muros sonoros, possibilitando um certo centro estabilizador em meio ao caos, ao mundo caótico. Um mínimo de limite, somente para a abertura. Um manejo das forças de fora com as forças de dentro, (des)construindo formas. O círculo só se contorna o suficiente para formar outro círculo, ou deixar entrar mundo, anexos, outros blocos de sensações (1997, p. 101).

Através do gravador, foi possível explorar essa paisagem sonora, aqui utilizado como um dispositivo que abriu espaços possíveis para a construção de um corpo sonoro, um corpo sensível. A poesia, para mim se encontra também ali! A ocupação da força sonora pelo ser e a ocupação do ser pela força sonora. Como os sons organizam e compõem com esses territórios? Até onde vai um som? Como criar condições de possibilidade para a construção de corpos sensíveis que enxerguem, escutem, saboreiem o som? O que isso diz da clínica, da escuta? Como diz Sandro Rodrigues, “mas como fazemos para escutar essas forças sonoras, incapazes de se tornar audíveis por elas mesmas? Mais ainda, como aprendemos a distinguir as sutis diferenças entre tais forças? Trata-se de aumentar o grau de abertura de nossa sensibilidade e de nosso pensamento” (Rodrigues, 2011, p. 34).

Aumentar esse grau de sensibilidade é tornar o corpo vibrátil. Poder correr esses diversos territórios, criar outros possíveis. Uma clínica sensível aos sons, portanto, acompanharia a construção desse círculo, criando condições de possibilidade para a ocupação de novos círculos, novos mapas, novas paisagens sonoras. A casa tem essa potência, porque composta de territórios diversos, possibilita a entrada de um, saída de outro: entre terapeutas, artistas e loucos, esses territórios em embate tensionam as formas, intensificam as forças, modulam paisagens sonoras.

## **Narrativa sonora: por una política de fuerzas**

### **Formación del AT – Los muchos dispositivos en la formación del AT)**

Palabras clave: paisaje sonora, território, cuerpo sensible.

Este texto fué elaborado desde la experiência de 1 año en um dispositivo al cual le llamo Casa. La Casa és um dispositivo que sería más próximo de una residência terapêutica, aunque no se encaje en ningun modelo que yo conozca de este tipo. En esa casa viven, actualmente, 8 locos y trabajan 11 terapeutas – psicólogos – incluso yo. Convivimos, encuanto equipo, 24h en la casa. Juntos, hacemos las tareas cotidianas: bañar-se, lavar los platôs, barrer la casa. Y también inventamos otras: pintamos, salimos a comer helados, vamos a la playa.

Volviendo al contexto de la escrita, en el escenario macro político muchas universidades estaban siendo ocupadas, así como escuelas y otras instituciones en todo Brasil. Yo tuvo parte en la ocupación de mi universidad (UFF) y por eso, también estuvo intensamente involucrada en los procesos de convivencia allí, que duraran 3 meses. De esa forma, estuvo ocupando 3 espacios que, por las experiencias que me han proporcionado, modulan mi mirada y mi formación clínica. Al circular por la ciudad, me atraviesan muchas escenas, ruidos, perceptos, afectos que aún no había notado antes. Este texto habla un poco de eso.

\*\*\*

Un estudiante toma parte a la mesa. El escucha. Un professor habla, y habla. Una universidad está vacía, és um día festivo. La gente ocupa la universidad. Se cambian los puestos. El professor escucha. El alumno afirma, “se desterritorializa”. Territórios son construídos, a institución reconstruyéndose. El loco cuida de lo terapeuta. Terapia en crisis, loco en crisis. La salud y la educación van mal... Brasil en crisis. La crisis abre un nuevo camino posible.

André vive em uma casa, uma estraña casa casa donde vivem, hoy 7 locos, incluyendo a André. Los locos viven allí, aqui mismo, em Niterói. Bañanse, inventan nuevas tareas, pelean, comen, toman sus medicamentos. Cotidianamente. Los terapeutas, por su vez, ocompañan esos processos, que se repiten diariamente, no sin novedad. Ingresé inesperadamente en ese sitio raro, con ganas de encontrar algo que fuera diferente de mis días en la universidad. Sentar. Oír. Quizás hablar um poco. Hacer exámenes. Seminários. Ponerse de pie, volver a casa. Bañarse, comer, inventar tareas. Un eterno regresso a los grandes bloques de hormigón de la UFF. Éramos compatriotas pero no nos conocíamos. De alguna manera, la red de salud mental y la universidad no habían formado una red.

Mientras tanto, una red se teje, um caminho se abre para mi y otros compañeros. Una oportunidad de prácticas surge. Todo lo que quería! Me voy hasta Pendotiba, llego demasiado tarde. Entro en la casa, me escandalizo. La gente grita, camina de un lado a otro, algunas siguen calladas, desconfiadas: la casa es simpática, amable. Decido volver. Y escojo volver repetidas veces, hasta que se vuelva tan concreto el “volver” cuanto los bloques de hormigón del párrafo anterior. La casa se convierte en una parte de mi mundo, una parte de mi red de afectos. El camino que se abre es territorio. Escojo construir esos territorios, relaciones, junto a esa gente. Las novedades se repiten.

La disposición afectiva poco a poco se vuelve también efectiva, una mirada clínica se construyo... comienzo la terapia: los locos dan trabajo (¿¿)a los neurótico, he oído. Supervisiones y más supervisiones son parte de mi rutina. Pensar la clínica también, esta que se hace entre territorios, entre caminos recorridos, entre paisajes, en la ciudad. Juntos caminamos, afeitamos la barba, cortamos el pelo, jugamos a las cartas. Caminamos desde una tarea hacia la otra, entre una esquina hacia la outra. Repetimos los caminos muchas veces.

Casa, território, cuerpo, afecto, percepción. Son múltiples percepciones y cuerpos. El encuentro del oído con el sonido. El encuentro de una fuerza con la outra. El sonido y el silencio. Las fuerzas de fuera invaden la de dentro. Un território se transforma en outro. La casa oscilando entre muchos – los sonidos de todo lado. André hace muchos, imita a un autobús frenando, aquel habla tan rápido que las palabras que quiere decir quizás no sean las que queira decir, este ya no quiere más hablar, el gallo quejase de la madrugada, las sillas arrastranse.



El ruido de la silla arrastrándose solo se puede oír cuando algo se calla. El silencio ocurre para que el sonido irrumpa. El camino del baño hasta la sala ya no es el mismo. Interrumpidos por el silencio entre un sonido y el otro, oímos. De hecho, oíamos todo, lo que se pasaba con la silla, que siempre es arrastrada. Las bolsas de basura, el plástico hace ruido... la hora de comer se presenta por las ollas golpeándose. Algo se produce: instiga. Pongo mi teléfono para grabar. Lo dejo sobre la mesa de sala. Lo pongo para grabar más una vez, otro día, otros horarios. Funciono como la persona que apreta el play; el teléfono como la antena, captando los sonidos que el oído no percibe. Quiero aprender la composición de aquella orquesta loca, y sigo grabando.

La captación de estos sonidos lleva a percibirlos. A cada día que volvía a la Casa, los sonidos eran muy diferentes. A veces agitados, como un rock, otras veces más suaves, como una bossa nova. Pero nunca rock, nunca bossa nova. Esa orquesta, no componía con notas musicales, estribillos, o cualquier sentido predeterminado por un músico. Me pregunto: no siendo eso música – por lo menos la tradicional – que será entonces? Extrañamente, esa fuerza, el sonido, compone, entrelaza, conjuga, articula... el sonido es agente! Agente de estos encuentros, siendo uno de ellos, el encuentro con el oído. Maquinas que acomplanse, que al hacerlo, ya son otra cosa (Deleuze e Guattari, 2011, p. 55).

Manipulando el móvil, empecé a escuchar las grabaciones. Me dejó llevar, reconozco algunas de ellas, en algunas se podía escuchar mi voz. En otras, la audición fue más allá de lo que esperaba yo: pude sentir muchas fuerzas de la Casa a través de aquellos sonidos. Si antes había percibido algo que me hacía grabar, ahora yo sentía a través de las grabaciones las maneras de circular, de estar, que venían hacia mí mientras las oía. La persona que percibe es también la que escribe un texto, pero no es la única. Algo se produce en ese territorio sonoro.

La percepción y la sensación no son maneras separadas y excluyentes de percibir un acontecimiento. En el texto de Suely Rolnik (2003), ella explica esas dos maneras de aprehensión del mundo, que activan dimensiones sensibles de nuestra subjetividad. Como forma, que sería mirar a la experiencia convocando a la percepción, los órganos vitales. De esa forma, procuramos explicar los fenómenos, o sea, mirar hacia ellos así como se presentan, libres de los enfrentamientos de fuerza y basado en la

representación, tentando explicarlos. ‘¿Que significa este sonido?’ sería una pregunta hecha para ese tipo de mirada. Se puede comprender el mundo también como fuerza, lo que convoca la sensación, y la manera como eso nos afecta. ‘¿Qué sensaciones ese sónico evoca en mí?’ sería una pregunta que el ejercicio del un cuerpo sensible, en las palabras de Suely, convocaría.

En todo caso, no vemos fuerzas por ahí. Vemos forma. Las formas, por su vez, son hechas de fuerzas, siempre en enfrentamiento. Esas fuerzas, cuando cambian de intensidad, se transforman en otra cosa. El primado de la fuerza sobre la forma es la manera como miramos a las formas; el ejercicio del cuerpo sensible está relacionado directamente con la ocupación de nuestro cuerpo por esas fuerzas. En el sentido que escribo, por las fuerzas sonoras que habitan y se articulan en un territorio. El oído, por lo tanto, no es solamente el oído: el oír es oír con el cuerpo, dejarse llevar por el tintinear de los cubiertos, por los coches pasando muy rápidos, por las colores y sabores de todo que está al redor, dejándose afectar. Eso ya nos transforma en otra cosa. Quizás, algo más capaz de ocupar otros territorios.

En las palabras de Manoel de Barros,

(...)- Imagens são palavras que nos faltaram.

- Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.

- Poesia é a ocupação da imagem pelo Ser.

Ai frases de pensar

Pensar é uma pedreira. Estou sendo.

Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).

Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos.

Outras de palavras.

(Barros, 2015, p. 72)

De entre muchas charlas, terapias, supervisiones, mi imagen de la Casa empezaba a ser ocupada por los sonidos, y no tanto por las palabras. Para Manoel la imagen torna visible algo que la palabra no alcanza, no comunica, y la poesía es ese ejercicio constante de ocupar las imágenes de sentido, para que se cuenda comprender, compartir las sensaciones... los sonidos también son la ocupación de un paisaje sonoro

por fuerzas que transbordan los límites de la palabra, como argumentaban Deleuze Y Guatarri: Los componentes vocales, sonoros son muy importantes: “un muro de sonido, en todo caso un muro lo cual los ladrillos son sonoros. Un niño canta, o enchufa la radio, al mismo tiempo que construye las fuerzas anti-caos de sus tareas. Los aparatos de radio o de la tele son como un muro sonoro para cada hogar, y señalan territorios (los vecinos protestan cuando el volumen está muy alto)” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 101).

Esa paisaje, componiendo un esquema de fuerzas sonoras – segundo Deleuze y Guatarri, componentes sonoros - ocupa a un territorio. La modulación de una determinada dinámica de fuerzas, de esa forma, actúa en la composición de este territorio. Mínimamente delimitado, modulado, mutante. Si “lo territorio puede ser relativo, tanto a un espacio vivido cuando a un sistema percibido dentro del cual un sujeto se siente “en casa”. Un muro sonoro que constituye un hogar, un paisaje sonoro, que lo diferencia de los otros. Y no solamente. El sonido es agente del territorio, de ‘en casa’, en la medida en que es expresión. “Es la emergencia de materias de expresión (cualidades) que define un territorio” (Deleuze e Guattari, 1997, p.105). Esas cualidades son las fuerzas que construyen muros sonoros, posibilitando un determinado centro estabilizador en el medio del caos, al mundo caótico. Un mínimo de limite, solamente para la apertura. Un manejo de fuerzas de fuera con las fuerzas de dentro, (des)construyendo formas. El círculo solo se contorna el suficiente para formar otro círculo, o dejar entrar mundos, anexos, otros bloques de sensaciones (1997, p. 101).

A través del grabador , fue posible explorar ese paisaje sonoro, aquí utilizado como un dispositivo que abrió espacios posibles para la construcción de un cuerpo sonoro, un cuerpo sensible. La poesía, para mí también se encuentra ahí! La ocupación de la fuerza sonora por el ser y la ocupación del ser por la fuerza sonora. Como los sonidos organizan y componen con esos territorios ¿ Hasta dónde llega un sonido ¿ Cómo crear condiciones de posibilidad para la construcción de cuerpos sensibles que perciban, escuchen, saboreen un sonido ¿ Que dice eso de la clínica, de la escucha¿ “Pero cómo hacemos para escuchar esas fuerzas sonoras, incapaces de tornarse posible de ser oídas por ellas mismas¿ Más aún, como aprendemos a distinguir las diferencias sutiles entre tales fuerzas¿ Tiene que ver con aumentar el grado de apretura de nuestra sensibilidad y de nuestro pensamiento” (Rodrigues, 2011, p. 34).

Aumentar ese grado de sensibilidad es tornar el cuerpo vibrátil. Poder correr esos

diferentes territórios, criar outros possíveis. Uma clínica sensível a los sonidos, por lo tanto, acompañaría la construcción de ese círculo, creando condiciones de possibilidade para la ocupación de nuevos círculos, nuevos mapas, nuevos paisajes sonoros. La casa tiene esa potencia, porque compuesta de territórios diversos, possibilita la entrada de uno, salida de otro: entre terapeutas, artistas y locos, esos territórios en embate tensionan las formas, intensifican las fuerzas, modulan paisajes sonoros.

#### Referências Bibliográficas:

ARAUJO, F. Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos clínicos à política da amizade. Niterói: Dissertação em estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense, 2005.

De BARROS, M. Meu quintal é maior do que o mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DELEUZE, G. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. O que é a filosofia?. São paulo: !34, 2000.

\_\_\_\_\_. O Anti-Édipo. São Paulo: !34, 2011.

\_\_\_\_\_. Mil Platôs, vol. 4. São Paulo: !34, 2011.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. São Paulo: Brasiliense, 2005.

GUATTARI, F. Psicanálise e Transversalidade. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

RODRIGUES, S. Ritmo e Subjetividade: o tempo não pulsado. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

ROLNIK, S. "Fale com ele" ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Conferência. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade>. 2003.